

Sammy

ESTADO DE SÃO PAULO

Notas e Informações

Melhor, lá fora

Enquanto, por se generalizar, a crise interna se agrava, o presidente viaja. A economia desaba, pressionada pela maior inflação da história deste país; e falta entendimento político para a adoção do pacto ou sequer de medidas isoladas mas aptas a debelar essa alarmante desvalorização monetária. Nada, entretanto, impede que o sr. José Sarney continue a ausentar-se, acompanhado de numerosas comitivas, como se o Brasil estivesse vivendo no melhor dos mundos e já não precisasse de governo. Hoje s. exa. ruma para Punta Del Este, a fim de participar de uma reunião do Grupo dos Oito — na qual, registre-se, poderia perfeitamente fazer-se representar. À União Soviética 150 pessoas acompanharam o presidente, seguindo-o nas escalas francesa e portuguesa de uma surtida que teve tudo para ser encantadora. Ao Uruguai o sr. José Sarney leva nada menos de 84 *premiados*; e a maioria deles, reconheça-se, não terá muito o que fazer até sábado, dia do retorno — salvo, deixar passar o tempo, docemente. Enquanto isso, o País vai à deriva.

Não se diga que a imprensa cria o clima de mal-estar existente. Ao contrário, consciente de sua responsabilidade, ela nada tem divulgado que possa causar pânico. No entanto, não lhe cabe disfarçar a gravidade dos problemas que o próprio governo criou, por ação ou por omissão. O que incumbe à comunicação de massa é advertir para as possíveis consequências dos muitos perigos que caracterizam esta conjuntura, erichada de dificuldades, que só têm crescido, sem que a autoridade dê mostras de entendê-las — e até mesmo de percebê-las. Não imagine o presidente que tais dificuldades são das

que se *arrumam* naturalmente com o tempo, desfazendo-se. Não. Enquanto não forem enfrentadas com decisão e competência, só se ampliarão. E pode ocorrer que, se a ação com que forem atacadas tardar, mesmo que haja decisão e competência, os fatos que ultrapassarem medidas adequadas, tomadas fora de tempo, criem uma situação absolutamente imprevisível e da qual não haja retorno pela via institucional. Afinal, como ensina a Ciência Política, o poder expelle quem não o exerce.

Em momento de crise econômica maiúscula, projetando-se sobre o setor político, as viagens presidenciais deveriam ser evitadas; ou, ao menos, cumpridas, teriam de se fazer notar por extrema discricção, realizadas o mais rapidamente possível e com despesas mínimas. Ora, sucede o oposto. Multiplicam-se nessas viagens as etapas de recreio; e não é de diplomatas que se compõe o séquito do chefe de Estado. Os integrantes da *carrière* constituem minoria. Pela Europa, neste mês, deslocaram-se alegremente uma centena e meia de pessoas; mas havia na delegação 21 diplomatas, como fez saber o Itamaraty, para livrar-se de acusações difusas, a que se atribui até origem palaciana. O que não falta entre os acompanhantes do presidente são assessores, seguranças, militares e convidados especiais, que talvez não se dêem conta de um dólar já haver ultrapassado a casa dos 700 cruzados! A quem tem memória fraca, que não alcance meados da década dos 60, é bom lembrar que no governo Castello Branco, instituído o cruzeiro novo, precisamente em 1965, dois deles compravam um dólar. Se não se tivessem comido, de lá para cá, tantos zeros à direita na moe-

da nacional, hoje um dólar custaria 700 mil cruzeiros (ou 700 cruzados). Há maior prova de que a *ganstança* oficial arruina o Brasil?

Pode ser que exista, entretanto, uma outra explicação para as *fugas* do presidente. S. exa. não se sente bem aqui, atormentado, perseguido, chamado a enxergar uma realidade que lhe desagrade; e as viagens, oportunas para que se refaça das fadigas de uma função cujo desempenho se torna cada dia mais árduo, o atraem com força irresistível. Há que considerar, porém, que a ausência da autoridade contribui para que a crise se alastre. O País que se vê de longe é bem diverso do que se avizinha da convulsão que o lançará no caos. Já Brasília concorre para desfocar a realidade. É verdade que, agora, a capital vem sendo agitada por greves que comprometem a paz idílica em que costuma viver. O Brasil real nada tem que ver com o que se descortina do Exterior ou com o *clima* de Brasília, onde o ar diáfano (quando chove) concita à paz. O Brasil é o Nordeste carente, é o Rio empobrecido e degradado, é São Paulo violento e presa de uma conspiração entre a desonestidade e a incompetência; é a inflação avassaladora, a gerar tensões sociais que rebentam em movimentos de paralisação do trabalho que ameaçam todos os setores do serviço público e da economia. O Brasil é sobretudo essa incerteza sobre o futuro próximo, à falta de administração, enquanto se acentua o vácuo em torno da autoridade. Talvez, por tudo isso, intua o presidente da República que, a ficar aqui, padecendo depois de ter esgotado tudo o que sabia para evitar o que acontece de pior, é melhor, lá fora.